

# ELAS POR ELES

O que pensam os colegas de profissão e o esposo da renomada neurocirurgiã.

# ELAS POR ELE

---

## **Dr. Eliseu Paglioli**

*Formado em medicina pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mestre e doutor em Medicina e Ciências da Saúde. Líder no estudo internacional em cirurgia da epilepsia.*

Além da grande responsabilidade de salvar vidas, o neurocirurgião Eliseu Paglioli Neto tem uma carga extra que vem de seu sobrenome – é neto de um dos fundadores da SBN, o Dr. Elyseu Paglioli. Este grande nome ocupou a presidência da Sociedade nos anos de 1959 e 1974, deixando um legado muito importante na história da medicina.

O Dr. Eliseu Paglioli Neto seguiu os passos do pai e do avô e dedicou-se aos desafios do cérebro. O especialista atuou com muitas neurocirurgiãs e residentes e acredita que gênero não define capacidade e talento.

Acompanhe a entrevista exclusiva com o especialista:

### **[Revista Mulher] O senhor acredita que há barreiras sociais para as mulheres que querem seguir a especialidade da neurocirurgia?**

[Dr. Eliseu] Sou preceptor de residentes de neurocirurgia desde 1988, aqui em Porto Alegre, no Hospital São Lucas da PUCRS. Nestes 30 anos tivemos a oportunidade de receber para fazer a residência de neurocirurgia 8 mulheres (Rosa, Rosane, Cláudia, Caroline C, Daniela, Gláucia, Anne e Caroline K) e 22 homens. Olhando friamente estes números, parece haver uma óbvia desproporção, já que nas faculdades de medicina no Rio Grande do Sul a proporção de alunos homens/mulheres é favorável às mulheres (60% em alguns anos). Eu vejo muitas alunas interessadas pelas neurociências, dedicadas desde cedo ao estudo do cérebro. Mas acho que ainda existe um certo desinteresse de especialidades cirúrgicas por parte das mulheres. Nas 4 grandes áreas da medicina, a proporção de novas cirurgiãs é a menor (comparando com medicina interna, obstetrícia e pediatria). E, dentre as especialidades cirúrgicas, eu vejo as mulheres procurando muito mais algumas do que outras. Por exemplo, cirurgia plástica, pediátrica e otorrino têm muita procura, enquanto raríssimas

mulheres vão para traumatologia, proctologia, urologia, cirurgia torácica e cirurgia cardíaca. A neurocirurgia fica com uma procura intermediária, a meu ver. Acho que é uma especialidade muito associada a dedicação, desafio, habilidade manual e estudo continuado. E isto pode estar atraindo mais mulheres atualmente. Também é uma especialidade onde o talento individual parece suplantar limitações de força e resistência muscular.

**[RMN] Como o senhor avalia a formação da Comissão Mulheres Neurocirurgiãs da SBN?**

[Dr.] Em princípio, eu não gosto muito da ideia de separar homens para um lado e mulheres para outro lado a longo prazo. Mas acho que, enquanto as neurocirurgiãs sentirem necessidade da existência deste fórum especial de discussão, ele terá sentido. Esta foi uma iniciativa das neurocirurgiãs. No entanto, eu acredito que tudo o que pode ser debatido dentro de uma comissão de mulheres neurocirurgiãs certamente teria ainda maior relevância e abrangência se fosse apresentado também para uma plateia mista. Não sei, na verdade, quais são os objetivos específicos desta comissão. Se os objetivos são eliminar barreiras sociais na relação das neurocirurgiãs com a sociedade brasileira em geral ou com barreiras criadas por homens na sociedade brasileira de neurocirurgia.

**[RMN] Desde a fundação da SBN apenas homens ocuparam a presidência. O senhor vê a possibilidade de uma mulher ocupar esta posição?**

[Dr.] É claro que eu não vejo absolutamente nenhuma incompatibilidade da presidência da SBN ser ocupada por uma mulher. No início da SBN (e eu tenho inúmeras fotografias de meu avô nos primeiros congressos, nos anos de 1940) não existiam mulheres neurocirurgiãs no Brasil. Então é claro que os primeiros presidentes somente poderiam ser homens. Mas hoje não, pois já temos inúmeras neurocirurgiãs com experiência e representatividade profissional suficientes para abraçar a Presidência

ou o Congresso da SBN. Não vejo nenhuma diferença de capacidade em relação aos colegas homens.

**[RMN] Como o senhor vê a atuação das neurocirurgiãs na área? Ainda são minoria em relação aos homens que optam pela especialidade?**

[Dr.] A minha experiência com a formação de oito neurocirurgiãs foi excelente. Eu nunca pensei que haveria qualquer diferença com relação aos residentes homens. A dedicação, capacidade de aprendizado e efetividade profissional foram exatamente iguais. As diferenças que eu encontrei nunca foram devidas a gênero, e sim a características individuais. Tanto as positivas, quanto as negativas. E, após a conclusão da residência, a atuação profissional delas sempre foi exemplar. Nenhuma teve dificuldades em prosseguir com seus sonhos. Todas são neurocirurgiãs felizes com esta escolha de vida.

**[RMN] Qual conselho o senhor daria para as jovens residentes que querem seguir a carreira?**

[Dr.] O conselho que eu dou para todos os meus residentes é o mesmo, independente do gênero: estudem bastante, observem os acertos e os erros de seus mestres, procurem atender cada paciente com a máxima dedicação e não tenham pressa em fazer nada sozinhos.

# ÀS COLEGAS NEUROCIRURGIÃS

---

**Dr. Henrique S. Ivamoto**

*Serviço de Neurocirurgia da Santa  
Casa de Misericórdia de Santos.*

Desde a Idade Média, mulheres eram proibidas na Europa de estudar e exercer a medicina, sendo-lhes permitido atuar como auxiliares, enfermeiras ou parteiras. As primeiras alunas matriculadas em escolas médicas na Inglaterra e nos Estados Unidos, no século XIX, foram vítimas de agressões verbais e físicas. No Brasil, as mulheres só puderam matricular-se em cursos superiores após decreto de D. Pedro II de 1879. O número de médicas cresceu lentamente até que, em 2006, as novas inscrições femininas no Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo passaram a superar as masculinas. Em algumas especialidades como neurocirurgia, ortopedia, cirurgia torácica e urologia, o número de mulheres ainda é pequeno.

Nos Estados Unidos, segundo Deborah L. Benzil e colaboradoras da associação *Women in Neurosurgery*, as médicas são vítimas de fenômenos discriminatórios que chamam de *glass house*, que as isola dos demais membros da equipe, e de *glass ceiling*, que previne sua ascensão profissional, acadêmica e dentro de organizações neurocirúrgicas.

Ocasionalmente algum cirurgião, em especialidades diversas, manifesta sua preocupação em trabalhar com mulheres, sejam residentes ou assistentes, receando que elas possam recusar plantões pesados ou em feriados, cirurgias exaustivas ou casos muito graves. No Serviço de Neurocirurgia da Santa Casa de Santos, instituído em 1952, todas nossas residentes enfrentaram situações adversas sem reclamar. Concluída a residência, uma delas permaneceu no serviço como assistente e depois foi eleita médica-chefe. Os pacientes elogiavam sua dedicação, o que motivou a publicação de um texto jornalístico sob o título “Médicas, Mães Paternais, Heroínas Anônimas”.

Marie Curie, um dos maiores nomes da ciência, contribuiu para a elucidar a radioatividade do urânio, descobriu o polônio e o rádio, ganhou dois prêmios Nobel, Química e Física, foi professora da Sorbonne e, embora não fosse médica, contribuiu para o desenvolvimento da Radiologia, Radioterapia e Medicina Nuclear. Apesar do seu extraordinário currículo

científico, seu pedido de ingresso na Academia Francesa de Ciências, que era formada apenas por homens, foi vetado.

Há alguns anos, uma jovem neurocirurgiã indiana, aparentemente uma vítima frágil, submissa e não reativa, foi reiteradamente hostilizada pelo chefe do departamento de um hospital da Harvard com ironias, sarcasmo e assédio sexual. As reclamações que ela fez na direção clínica foram infrutíferas e ainda resultaram em retaliação. Inconformada, decidiu procurar uma instância externa, a Justiça Federal, que condenou o chefe e o hospital a indenizá-la. O caso teve grande repercussão e o chefe, renomado neurocirurgião, pediu demissão do hospital. Esse triste exemplo de discriminação sexual ocorreu naquela prestigiosa universidade, cujo lema “Veritas” – pela verdade e contra preconceitos – foi desrespeitado, com desagradáveis consequências para todas as partes.

Essas citações exemplificam o preconceito contra mulheres na medicina e em outros ramos da Ciência, o que é paradoxal, pois revela a existência de irracionalidade entre cientistas cultos e inteligentes.

Felizmente, não temos notícia de casos semelhantes aos citados entre neurocirurgiões brasileiros. Contudo, uma entidade formada por mulheres servirá para vigiar, inibir assédios e auxiliar eventuais vítimas. Por outro lado, servirá também como fórum para outras questões de interesse comum e estimulará recém-formadas a escolher uma residência em neurocirurgia, o que levará ao florescimento da nossa Sociedade.

Às caras colegas integrantes desse importante capítulo da SBN, parabéns pela iniciativa e sucesso em sua lide!

---

## BIBLIOGRAFIA

- Benzil DL, Abosch A, Germano I, Gilmer H, Maraire JN, Muraszko K, et al. The future of neurosurgery: a white paper on the recruitment and retention of women in neuro surgery. *J Neurosurg*. 2008;109:378-86.
- Ivamoto HS. Médicas, mães paternais, heroínas anônimas. *A Tribuna*. 1996:A-18.
- Ivamoto HS, Morales R, Ivamoto LS, Vieira de Souza ESM. The Santas Casas da Misericórdia: Five centuries of philanthropy. 1998;1:11-3. Disponível em: <http://www.actamedica.org.br/noticia.asp?codigo=105>.
- Ivamoto HS. Women in Brazilian neurosurgery. *Arq Bras Neurocir* 29(3): 87-90, setembro de 2010.
- Ivamoto HS. Marie Curie e a Academia Francesa de Ciências. *Acta Medica Misericordiae* 1999; 2(2):89-90. Disponível em [http://www.actamedica.org.br/publico/noticia.php?codigo=48&cod\\_menu=48](http://www.actamedica.org.br/publico/noticia.php?codigo=48&cod_menu=48)

# OS ESPOSOS DAS NEUROCIRURGIÃS

---

**Dr. Antônio de Salles**

*Professor Emérito em Neurocirurgia e Radioterapia  
Universidade da Califórnia em Los Angeles  
Chefe do HCor Neurociência, São Paulo.*

O aumento da participação das mulheres em neurocirurgia tem aumentado o aspecto humanístico de nossa especialidade. Artigos importantes a respeito da dificuldade da mulher em medicina acadêmica apareceram nos últimos 30 anos (Breslow and Haynes 1981). Números interessantes são citados no artigo escrito pelas mulheres neurocirurgiãs americanas (Benzil et al 2008), mostrando que embora desde 1995 formarem-se mais médicas que médicos nos Estados Unidos, na proporção de 60% e 40% respectivamente, o número de mulheres terminando residência em neurocirurgia caiu em 13.5% entre 1990 e 2000.

Vários aspectos de nossa especialidade não são amigáveis à escolha das mulheres para serem neurocirurgiãs. Talvez um dos mais pungentes é falta da mentora modelo em neurocirurgia, como mencionado por Benzil et al. Interessantemente, desde que instituímos o programa de aprimoramento em Neurocirurgia Funcional e Radiocirurgia no serviço de Neurociências do HCor em São Paulo, tendo a Dra. Alessandra Gorgulho como mentora dos pós graduandos, aceitamos duas mulheres para o programa. Ambas contataram a Dra. Alessandra para candidatar-se em vez de me contatarem diretamente. O modelo feminino de sucesso dando suporte à mulher almejando o mesmo sucesso parece surtir efeito em nosso meio, este um dos primeiros aspectos apontado pelas mulheres americanas, definitivamente não é o único.

Tendo em vista a proporção de mulheres formando em neurocirurgia nos Estados Unidos, e também no cenário mundial, incluindo a Europa Central, deparamos com o fato que existe sim uma disparidade da presença da mulher em postos de liderança em neurocirurgia. Vide exemplo de uma pergunta simples com respostas negativas: quantas mulheres foram presidentes das nossas sociedades considerando tanto a Academia Brasileira de Neurocirurgia como a Sociedade Brasileira

de Neurocirurgia. Pungentemente vemos que as oportunidades foram escassas até o momento. A resposta negativa também se repete nos Estados Unidos.

Vemos uma luta cerrada entre os nossos colegas neurocirurgiões para atingirem estes postos de liderança política em nossas sociedades. Será que existem mais oportunidades para os homens? Seriam as mulheres menos assertivas para atingirem estes cargos? O artigo de Breslaw e Heynes discute em profundidade sobre a oportunidade das mulheres em medicina. Em entrevista com mulheres inglesas depara-se com o fato de que a maioria dos médicos generalistas no Reino Unido hoje são mulheres, enquanto as especialidades cirúrgicas continuam dominadas por homens, exceto em ginecologia e obstetrícia, onde mulheres estão sempre presentes. Aparentemente as mulheres preferem ser generalistas ou pediatras devido à possibilidade de coordenarem a vida profissional com a vida em família.

A neurocirurgia, uma especialidade tradicionalmente dominada por homens, no qual o prolongado e intenso treino compromete o período reprodutivo e suas obrigações com seus infantes, faz com que a competição para estabelecimento da vida profissional, tanto na prática privada como na vida acadêmica seja injusta para as mulheres, quando comparadas com os homens. Este fator pode influenciar sobremodo a escolha feminina para a especialidade. Em minha própria experiência, mesmo sendo homem, quando entrei no primeiro trabalho acadêmico nos Estados Unidos, o chefe do serviço e meu mentor de anos, neurocirurgião de sucesso mundial na década de 1980, uma vez me disse: “Você tem que se dedicar completamente ao nosso serviço ou não terá sucesso”, o que perguntei: E a dedicação à minha família? Sua resposta foi singular: “Já falhei três vezes, não posso te dar conselhos a este respeito”. A liberdade profissional da mulher já com filhos é muito diferente daquela que o homem possui, principalmente pelo constante conflito interno entre ser mãe e profissional.

Quando este artigo me foi encomendado, a pergunta que queriam que respondesse foi: Como é ser esposo de uma neurocirurgiã? Claro que é uma pergunta extremamente pessoal e a resposta que dou não é justa, pois estou casado também na profissão. Praticamos a mesma subespecialidade, sendo portanto um para o outro o perfeito complemento profissional, não só no conhecimento, mas também nas obrigações com pacientes. Mesmo assim sou honesto em afirmar que a Dra. Alessandra Gorgulho se preocupa muito mais com aspectos de nossa família de que eu me preocupo. Quando ela não pode estar presente, ela especificamente



me explica o que devo fazer para suprir sua falta junto ao nosso filho. Quando não existe este tipo de integração, a demanda de trabalho no esposo é intensa mas diferente, a mulher neurocirurgiã acaba tendo que aceitar um nível profissional comprometido, portanto perdendo na competição para seus colegas que gozam de ter uma esposa em casa aliviando-os das obrigações de família. Isto é bem demonstrado na vida acadêmica americana, onde durante os anos férteis das mulheres elas publicam menos, produzem menos financeiramente e conseqüentemente são menos promovidas, portanto não atingindo as posições de liderança e o mesmo retorno financeiro que os homens recebem.

Na lista de neurocirurgiãs de grande sucesso internacional de meu conhecimento, a qual tabulei em preparação para este artigo, noto que elas ou são casadas com neurocirurgiões, ou os maridos ficam mais em casa, sendo que a mulher assume o papel de principal provedora na família, ou elas são simplesmente solteiras. Em minha limitada lista que por discricção não apresento aqui, cheguei ao seguinte resultado: 30% são casadas com neurocirurgiões, 20% são solteiras, 30% são casadas com maridos cujo papel principal é a ocupação com os afazeres da família (respondendo pela expressão cunhada nos Estados Unidos como *Mr. Mom*), e 20% são casadas com cirurgiões em especialidades tão intensas como a neurocirurgia. Esses maridos por certo representam uma minoria da população geral, tendo a capacidade de entender as demandas profissionais da esposa, dando portanto, o suporte necessário para que elas floresçam em suas carreiras. Esta análise mostra que existe sim a necessidade de um suporte especial para que a mulher neurocirurgiã compita ao mesmo nível do neurocirurgião seu colega.

Alternativamente, resta-lhe apenas a abdicação do seu papel feminino de ser mãe de família. A percepção de que a responsabilidade primária de se manter a estrutura matriarcal familiar doméstica está arraigada em nossa cultura há séculos, tanto nos homens quanto nas mulheres faz com que muitos colegas digam que nossa especialidade não é para mulheres. Não porque não julguem as mulheres capazes de serem profissionais de calibre, mas simplesmente não anteveem como as duas funções podem ser acopladas de maneira exímia por uma mesma pessoa. As mulheres sentem que tem a obrigação em resolver os afazeres domésticos sozinhas, portanto frequentemente frustram-se. Sentem-se sempre “culpadas” que não fizeram tudo que poderiam ou deveriam em algum dos domínios. Está na hora de criarmos um modelo que dê suporte para àquelas mulheres que são realmente sérias e comprometidas com a excelência profissional para que possam de fato realizar-se plenamente.

Embora minha observação possa parecer desencorajadora às mulheres almejando a carreira neurocirúrgica, convivi com mulheres residentes de calibre superior àquele de muitos homens residentes. Convivi também com aquelas que falharam e com aqueles que falharam. O talento necessário para ser neurocirurgião não existe em todos os que almejam a carreira. Sabemos que a dedicação de horário, abdicação de grande parte da juventude de festas, fins de semana e viagens é uma realidade para se finalizar com sucesso uma residência em neurocirurgia.

Esta dedicação continua no caminhar da vida, sobressair-se nesta especialidade de homens e mulheres de máximo talento mental, físico e disciplinar requer uma consistência no trabalho que muitas vezes a vida das pessoas não permite. Para a mulher, esta consistência é interrompida no período em que a especialidade mais demanda, por exemplo, entre o fim da residência e o estabelecimento profissional, dos 26 aos 35 anos de idade. É nesta fase que a família mais demanda a atenção feminina. Coordenar as duas demandas depende de uma inteligência emocional superior. Escrevi um romance sobre o treino de uma mulher em neurocirurgia, o qual recomendo aos leitores deste artigo, recentemente traduzido para o português, com o título “O Cérebro do Jogador, amor e futebol” (Editora Bonecker, [www.bonecker.com.br](http://www.bonecker.com.br)). Esse romance mostra a luta da neurocirurgiã em treino ajudando uma família difícil e um marido altamente dependente. E isso se faz através do conhecimento profundo da função cerebral que ela progressivamente adquire (De Salles 2018).

Respondendo diretamente à pergunta que me foi feita, ser esposo de uma neurocirurgiã é um privilégio que poucos homens têm. Os maridos que são neurocirurgiões entendem perfeitamente o que isso seja. Os que são “leigos em neurocirurgia” e entendem ou simplesmente a amam o bastante, até abdicam da própria carreira e dão oportunidade para a esposa brilhar. Os maridos que são cirurgiões em outras intensas especialidades também entendem as demandas na esposa, encontram portanto um jeito de prover o necessário para que elas brilhem. Não é fácil para o leigo entender e aceitar que o paciente neurocirúrgico sempre toma à frente na mente do neurocirurgião, até mesmo em frente de seu amor e sua família.

Agradeço a oportunidade e o privilégio que as “Mulheres da Neurocirurgia da SBN” proporcionaram me convidando para escrever este artigo.

P.S. A primeira leitora deste artigo foi a cantora Xuxa, quando voávamos de Doha para São Paulo. Gentilmente, como uma mulher de sucesso pleno, seus comentários refletem o eterno conflito feminino de ser a perfeita mãe e a profissional de sucesso. Ela permitiu ser mencionada neste artigo, insistindo que o que aqui está escrito deve ser generalizado universalmente, pois este conflito aflige toda mãe almejando sucesso em qualquer profissão, muitas vezes limitante ao sucesso pleno. “Sua filha a perguntava: mamãe, porque você vai brincar com as outras crianças e não fica em casa para brincar comigo?” Quando chego mais cedo que a Alessandra em casa, meu filho de 11 anos, Lucas me pergunta: papai porque você não ficou cobrindo a mamãe no hospital para a mamãe vir fazer lição comigo? As crianças cobram mais das mães do que dos pais, é natural!

Entrevistando um neurocirurgião de renome internacional, exímio em longas cirurgias, portanto requerendo imenso cometimento de tempo e físico, sua resposta foi: não vou responder porque “I will be in trouble”. Em outras palavras, sua resposta seria comprometedora, para não dizer que as mulheres não estão fisicamente preparadas para fazer o que ele faz. Claro que esperamos que este tipo opinião não desencoraje mulheres de talento que querem abraçar a carreira neurocirúrgica.

---

---

## **BIBLIOGRAFIA**

- Braslow JB, Heins M: Woman in Medical Education. A Decade of Change. NEJM 304 (19): 1129-1135, 1981
- Benzil DL, Abosh A, Germano I, et al: J Neurosurgery 109:378-386, 2018.
- De Salles A: O Cérebro do Jogador, Amor e Futebol. Editora Boneker, 2018.